

J.F. - Invasão

# Isso é política da boa vizinhança

*Vizinha do governador Roriz invade área verde no Park Way confiando na aprovação de lei que libere ocupação*

Rovênia Amorim  
Da equipe do Correio

**A**s invasões de terra pública estão cada vez mais perto de Joaquim Roriz. Mais precisamente da residência do governador, no Park Way. Uma empresa de paisagismo está sendo montada na área verde aos fundos do lote nº 11, Conjunto 1 da quadra 8. Uma estufa com dezenas de plantas ornamentais, uma casa de 60 m<sup>2</sup> quase pronta, que funcionará como escritório e uma cisterna com 40 metros de profundidade estão a poucos metros do lote 13, onde mora o governador.

O ritmo da obra que começou em dezembro é intenso. Penedeiros trabalham de dia, sem serem importunados. Tanto descaso com a área pública incomoda a vizinhança. "Ali era um pastinho, onde ficava um cavalo. Não tem como o governador afirmar que não está vendendo. Ele sobrevoa a área todo dia, de helicóptero", diz um morador que pede para não ser identificado, com medo de represália. "Roriz só pode estar convinte. Deve ser gente dele."

A administradora de empresa, Olga Rodrigues da Silva, 50, que acompanhava na manhã de ontem a obra, apresenta-se como proprietária do negócio que se espalha por uma área de cerca de 5 mil m<sup>2</sup>.

Até uma pequena estrada foi aberta e encascalhada para dar acesso ao viveiro de plantas que abriga pequenas árvores ornamentais, como flamboyanths, e mudas utilizadas como cercas vivas.

A vizinha do governador admite a invasão, mas confia na regularização da área com a aprovação do projeto de lei do governo, que prevê o parcelamento de 600 hectares (de áreas

verdes) no Park Way. Ela mostra-se segura, sem receio de perder o investimento. Conta que já desembolsou R\$ 80 mil no negócio, incluindo a adubação da terra. É o valor de uma fração regular de 2.500 m<sup>2</sup> hoje no Park Way. "Essa área verde será dividida entre duas frações regulares (lotes 11 e 12) e vai ser colocada à venda pelo governo", acredita a paisagista.

## GALINHEIRO

Arrependimento? Nenhum, responde rapidamente. "Acho que a gente tem de se arrepender somente do que não faz", diz. A empresa de paisagismo de Olga não é nova. Ela conta que o viveiro ficava antes em uma chácara da Colônia Agrícola Vicente Pires, em Taguatinga. A terra era alugada e o proprietário pediu a desocupação do imóvel. Em 21 de dezembro, ela se mudou para o Park Way. A área verde invadida fica aos fundos do lote regular (a última fração do lote nº 11), onde ela tem uma casa.

"Eu vivo disso (do paisagismo). Precisava de uma área para colocar minha empresa", explica Olga. A proprietária admite que não conversou com ninguém da administração do Núcleo Bandeirante ou do Governo do Distrito Federal antes de invadir a área verde. "Com certeza não deixariam." Mas enquanto a fiscalização não proíbe, a mulher faz planos. Um área já cercada será transformada em galinheiro.

A fiscalização na área do Park Way é de responsabilidade da Administração Regional do Núcleo Bandeirante. O fiscal George Aguiar afirma que a moradora foi notificada semana passada a desmanchar as construções até amanhã. "Se ela não fizer isso, vamos demolir", avisa Aguiar.

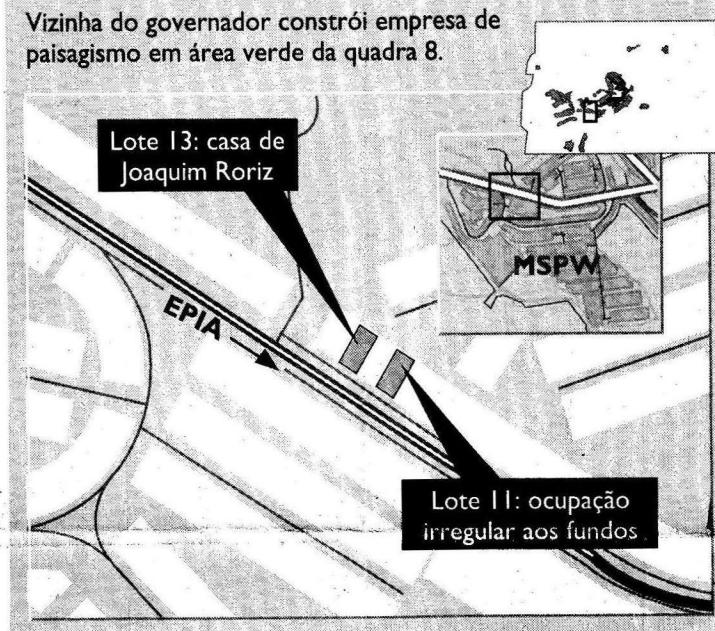
Ronaldo de Oliveira



Empresária construiu estufa com plantas ornamentais, escritório e cisterna em área verde aos fundos do lote 11: moradora já foi notificada

## INVASÃO CHIQUE

Vizinha do governador constrói empresa de paisagismo em área verde da quadra 8.



## Cisterna foi embargada

A única autorização que a paisagista Olga Rodrigues tentou obter do poder público foi para a perfuração do poço artesiano. Na manhã de ontem, a máquina estava ligada e funcionando. "Não estou furando um poço artesiano, mas uma cisterna com 40 metros de profundidade." Ao contrário dos poços artesianos, cisternas não atingem o lençol freático.

No Distrito Federal, com 10 ou 15 metros de profundidade geralmente se atinge o lençol freático, segundo informações do Instituto de Ecologia e Meio Ambiente. Olga diz que foi o marido quem tentou obter a autorização no Iema. O nome do marido? É

tudo que a invasora não diz. "Ele não trabalha no governo, mas indiretamente está ligado. Não posso dizer o nome porque com certeza você sabe quem é."

Nesse momento, ela deixa de ser tão simpática e parte para ameaças sutis. "Mas não bota isso aí, não. Senão a jiripoca vaipiar...", diz, antes de sair reclamando da reportagem. "Não autorizo você a publicar nada. Não dei entrevista nenhuma." O diretor do Iema, Fernando Fonseca, diz que não sabia da invasão. Em outubro, segundo ele, a perfuração do poço havia sido embargada pelos fiscais do órgão. "Vou pedir para que voltem lá e verifiquem a situação."